

INTERCULTURALIDADE: o encontro com o outro, com o diferente e as diferenças

I. INTRODUÇÃO

Uma proposta de introdução aos estudos de interculturalidade e alteridade: *refletir sobre a prática missionária no encontro com o “outro”, com o diferente e as diferenças.*

A temática, um dos assuntos mais polêmicos na Antropologia, será abordado numa transversalidade com os estudos Pós-Coloniais, porque acreditamos que, em se falando de interculturalidade/alteridade, o nosso estranhamento no encontro com o “outro” tem suas raízes na configuração de uma cosmovisão ocidental, que foi fortemente influenciada pelos empreendimentos de expansão colonialista.

O assunto está quente na agenda mundial, pois em pleno século XXI ainda se depara com as mais diferentes manifestações etnocêntricas, atitudes segregacionistas e preconceituosas e até movimentos neo-nazistas estão ressurgindo/ressuscitando.

Pertinência do tema:

1. Cristianismo: queremos ser uma “Igreja da Fronteira”?
2. Sociedade: importância do respeito e valorização do “outro”.
3. Mundo acadêmico: por uma ecologia de saberes que contrapõe a monocultura do saber científico.

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

Documento: *Convenção sobre a proteção e promoção da diversidade das expressões culturais*, discorre sobre a importância do mundo em se respeitar as diferenças e reconhecer a realidade da diversidade cultural (veja Power point).

Definições

CULTURA:

- “Denota um padrão de significados transmitido historicamente, incorporado em símbolos, um sistema de concepções herdadas expressas em formas simbólicas por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação à vida”.¹
- “Conjunto de comportamentos e idéias característicos de um povo, que se transmite de uma geração a outra e que resulta da socialização e aculturação verificadas no decorrer de sua história”.²
- “Toda cultura desenvolve sistemas referenciais próprios que se condensam em tradições que, por sua vez, servem como últimas fronteiras para tudo o que resulta familiar e compreensível no interior desta cultura” (Fornet, 12).

ACULTURAÇÃO:

- “É a fusão de duas culturas diferentes que, entrando em contato contínuo, originam mudanças nos padrões da cultura de ambos os grupos”.³

INCULTURAÇÃO:

¹ GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**, p. 103.

² BURNS, Bárbara. **Costumes e Culturas**, p. 20.

³ MARCONI, Marina; PRESOTTO, Zélia M. **Antropologia: uma introdução**, p. 65.

- É o “mergulho” em outra cultura e todos praticam a convivência. A coexistência se torna realidade. O termo “adaptação” é o que melhor define esta nomenclatura. Falando de cristianismo, é traduzir a fé cristã para dentro de uma cultura.
- O modelo é encarnacionista: “a igreja não é só expandida, mas nasce de novo em cada novo contexto e cultura”.⁴

INTERCULTURAÇÃO:

- Segundo Raul Fornet, é a capacitação para uma cultura de culturas⁵. As culturas não são estáticas. É uma proposta de intercâmbio cultural. Pressupõe o fim do trânsito de mão única do Ocidente-Oriente/Sul e substituição da relação hegemônica por relações bilaterais e multilaterais. A relação entre mensagem cristã e a cultura deve ser criativa e dinâmica.

Exemplos Práticos – alguns casos de choque cultural

FILMES – VÍDEOS/CLIPS

1. Casamento Grego
2. Coexistence
3. Projeto Radical – equipe Medina

II. ALGUMAS RAÍZES DO PENSAMENTO OCIDENTAL: a construção de uma monoculturalidade silenciadora

Os estudiosos da Teoria Pós-Colonial sustentam que nas relações desiguais entre o Norte e Sul está a compreensão ou explicação do mundo contemporâneo e para eles, essas “relações foram constituídas historicamente pelo colonialismo e o fim do colonialismo enquanto relação política não acarretou o fim do colonialismo enquanto relação social, enquanto mentalidade e forma de sociabilidade autoritária e discriminatória”.⁶

Para Walter Mignolo, entender alguns fenômenos contemporâneos, como neoliberalismo, globalização e outros da chamada sociedade pós-moderna, que ele denomina de *Sistema Mundial Colonial / Moderno*, é imprescindível uma retrospectiva na história, especialmente até o século XVI, que ele apresenta como a preparação para o cenário que vai contribuir para a construção do nosso atual sistema mundial.⁷ Ele reforça que neste período, com o movimento de colonização, a expansão ocidental não foi apenas econômica e religiosa, mas também expansão de formas hegemônicas de conhecimento que moldaram a própria concepção de economia e de religião.

A noção de superioridade ocidental pressupõe a diferença colonial, transformando diferenças em valores.

David Bosch, notável missiólogo Sul Africano e autor do livro “Missão Transformadora: mudanças de paradigma na teologia da missão”, defende em sua obra que “o empreendimento missionário moderno

⁴ BOSCH, David. **Missão Transformadora: mudanças de paradigma na teologia da missão**, p. 542.

⁵ FORNET, Raul. **Religião e Interculturalidade**, p. 50.

⁶ SANTOS, Boaventura Souza. **A Gramática do Tempo: para uma nova cultura política**, p. 28

⁷ MIGNOLO, Walter. **Histórias Locais/Projetos Globais: Colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar**, p. 43.

em sua íntegra está tão contaminado por sua origem no colonialismo ocidental e sua estreita associação com ele, que é irremediável; temos que encontrar uma imagem completamente nova hoje”.⁸

O “*Destino Manifesto*”, crença enraizada na superioridade ocidental, tendia a tratar os povos de outras culturas como inferiores e alcançou sua expressão máxima na expansão colonial do Ocidente, conforme o texto de Bosch: “O empreendimento missionário ocidental do período que estamos analisando partia não apenas da premissa da superioridade da cultura ocidental sobre as demais, mas também da convicção de que Deus, em sua providência, escolhera as nações do Ocidente, com base em suas qualidades únicas, para serem os porta-bandeiras de sua causa, inclusive nos confins da terra”.⁹

Segundo Fornet, o modelo de cristianismo ocidental foi “absolutizado e elevado à versão única possível de expressão da fé cristã”.¹⁰

“Não houve, nem podia haver, um diálogo intercultural ou inter-religioso, pois a segurança ocidental de possuir em sua cultura e religião a chave do absoluto conduziu para a espontânea desqualificação da cultura e religião do “outro”.¹¹

Como romper com o paradigma ocidental moderno que imprimiu sua matriz também na missão e sua prática?

Constatamos que mudanças sócio-políticas conduzem a uma reflexão e necessidade de rever métodos de ação em vários setores da sociedade, como nos alerta David Bosch: “Vivemos em um período de transição, na zona limítrofe entre um paradigma que não mais satisfaz e um outro que ainda é, em grande parte, amorfo. Uma época de mudança de paradigma constitui, por sua própria natureza, um tempo de crise.”¹²

Boaventura ao discorrer sobre mudanças e trocadas desiguais entre culturas, mostra que isto tem sempre acarretado a morte do conhecimento próprio da cultura subordinada, que ele denomina como *epistemicídio*, o assassinio do conhecimento local. É a “globalização hegemônica que canibaliza as diferenças em vez de permitir o diálogo entre elas. Estão armadilhadas por silêncios, manipulações e exclusões”.¹³

Michel de Certeau em seu texto “As Revoluções do Crível” comenta esta crise entre o novo o velho quando descreve os processos de mudanças, rupturas e o desmoronamento das ideologias.

A recusa em aceitar que estamos ultrapassados e que os nossos quadros de referências estão ruindo, é ilustrada por ele como “duas formas de inconsciência”: uma que se recusa a ver os destroços e,

⁸ BOSCH, David. **Missão Transformadora: mudanças de paradigma na teologia da missão**, pag. 617.

⁹ IDEM, P. 362.

¹⁰ FORNET, Raul. **Religião e Interculturalidade**, p. 10.

¹¹ FORNET, Raul. **Religião e Interculturalidade**, p. 15.

¹² BOSCH, David. **Missão Transformadora: mudanças de paradigma na teologia da missão**, p. 439.

¹³ SANTOS, Boaventura Souza. **A Gramática do Tempo: para uma nova cultura política**, p. 86.

portanto nega o problema, e a outra que se exige de reconstruir, ou seja, sua decisão é desistir de buscar uma solução.

No livro “A Crítica da Razão Indolente”, Boaventura escreve sobre esta razão indolente, preguiçosa, que se considera única, exclusiva e que não se exercita o suficiente para poder ver a riqueza inesgotável do mundo. Ele faz algumas considerações:

1. As promessas da Modernidade não se cumpriram: liberdade, igualdade e fraternidade;
2. O que precisamos não é de um novo conhecimento, mas de um *novo modo de produção de conhecimento*;
3. Precisamos **rever nossa concepção do “outro”** como objeto e reconhecê-lo como sujeito histórico. Sair da lógica colonialista;
4. *Colonialismo*: todas as trocas, todos os intercâmbios - as relações em que uma parte mais fraca é expropriada de sua humanidade;
5. Trabalhar pela construção de um conhecimento multicultural que neutralize o contato hegemônico silenciador e monocultural;
6. Propõe a Sociologia das Ausências para contrapor a cultura do monoculturalismo, substituindo, por exemplo, por Ecologia dos Saberes, Ecologia do Reconhecimento da diversidade e outros;
7. Enfrentar os desafios para a construção de um paradigma emergente que supere a razão indolente: há um determinismo/fatalismo (o que tem que acontecer, vai acontecer) – é preferível não fazer nada. Por que devo me envolver?

III. DA MONOCULTURALIDADE SILENCIADORA AO DIÁLOGO INTERCULTURAL: a igreja da fronteira que atua numa nova lógica descolonial

Em se falando de contextualização e reconhecimento da diversidade, Paulo Freire em seu texto clássico *A Pedagogia do Oprimido* afirma que a pedagogia “tem que ser forjada *com ele* e não *para ele*, enquanto homem ou povos, na luta incessante de recuperação da humanidade”..¹⁴

A história nos traz a advertência: aprender com os erros. A solução pode estar na reflexão, chamada ao arrependimento e luta contra o individualismo inspirado pelo Iluminismo e trilhar o caminho da interdependência. A missão ainda pode recuperar seu papel relevante se decidir buscar ensinamentos no passado, reavaliar seu *continuismo* e revisar seu modelo de manutenção e reinventar seus métodos.

A Igreja da Fronteira, que atua numa nova lógica contra-hegemônica e descolonial, pode ser uma opção para um intercâmbio, cooperação, solidariedade e acima de tudo para repartir vida entre os povos.

¹⁴ FREIRE, Paulo. **A Pedagogia do Oprimido**, p. 32.

Pode contribuir para novas oportunidades de interculturalização, porque na reciprocidade é possível construir alternativas inovadoras em projetos autóctones.

Em busca de uma prática que rompe com a monoculturalidade silenciadora e trabalhe pelo diálogo intercultural:

A interculturalidade incentiva: interdependência, diálogo e liderança participativa, tolerância na diversidade, integração de saberes marginalizados, revisão das tradições, reconfiguração da identidade religiosa, educar o olhar para o periférico e excluído, a mestiçagem cultural, valorização da pluralidade, novas formas de cooperação e parcerias;

A interculturalidade (*pensamento de fronteira*):

- Busca o equilíbrio em um mundo diverso e pluralístico;
- Cria cultura de interfaces, inter-setorial, equipe;
- Trabalha pelo alcance de objetivos comuns e benefício do grupo (não busca o seu interesse; se preocupa em alcançar metas para a coletividade, considera o outro superior);
- Busca um ponto de contato (comum) - jovens do Radical com o futebol;
- Almeja a valorização do outro (emancipação/ autonomia);
- Respeita os limites do outro (Ex. militares que no norte do Brasil dinamitaram pedra grande para fazer rodovia e ela sagrada para os índios);

A interculturalidade renuncia: cultura hegemônica/dominante; a sacralização de costumes, idéias e conceitos; centralização e uniformização; exclusão do “outro” que não se enquadra no paradigma vigente;

A interculturalidade questiona: idéias hegemônicas; internacionalismo imperialista; tradições eurocêntricas; motivações pessoais; o sincretismo subjetivo e arbitrário; hibridismo indefinido.

Algumas recomendações:

- Disposição para aprender a viver em novos contextos: “ ser criança” naquela realidade;
- Nossa formação/competência pode não ter utilidade/importância “naquele mundo” : experiência, hábitos, língua (Alemão que dominava a tecnologia, mas não o idioma: We are thinking or sinking???!);
- Humildade para rever conceitos e valores;
- Abertura para novos amigos – compartilhar novas riquezas com você;

FILIPENSES 2:1-11

*** O maior exemplo da história foi o Senhor Jesus Cristo: renunciou, se anulou, se humilhou, abriu mão - tudo para realizar o projeto de Deus Pai!!**

IV. CONSIDERAÇÕES FINAIS e algumas questões para reflexão

William Ury – antropólogo, especialista em negociação da Universidade Harvard – EUA

Coexistence – Exposição sobre a diversidade e convivência entre os povos.
(Entrevista para a Revista Veja - Agosto/2006)

Técnicas de negociação úteis na diplomacia e na vida privada (adaptado por Analzira):

1. Em 30 anos trabalhando com negociação (conflitos na Indonésia, África do Sul, Oriente Médio e outros), percebi que precisamos desenvolver a habilidade de nos colocar no lugar do outro e entender a sua visão de mundo;

2. Além de procurar entender as reivindicações do outro, é preciso tentar enxergar quais são os interesses não declarados do outro;
3. É necessário aprender a ouvir. Há quem pense que negociação é falar. Na verdade, os melhores negociadores, seja no mundo corporativo, seja na diplomacia, são aqueles que sabem escutar;
4. Somos muito focados em nós mesmos, e não nos interesses da coletividade;
5. As decisões devem ser democráticas/participativas para evitar sentimentos de exclusão. Quanto mais plana a hierarquia, mais ágeis podem ser os processos;
6. O poder está cada vez mais descentralizado nas instituições: menos vertical e mais horizontal;
7. É a primeira vez na evolução humana em que todos os povos e tribos e os mais de 6.000 grupos lingüísticos do planeta estão em contato intenso uns com os outros. Essa é nossa primeira grande reunião de família. Há o grande desafio das incompatibilidades e ajustes: é preciso fazer com que as pessoas se ouçam e se entendam;
8. A dificuldade em lidar com os outros existe porque não somos bem resolvidos com nós mesmos;
9. Não existiria conflito se as partes envolvidas se concentrassem no que realmente interessa: objetivos gerais e interesses do coletivo;
10. Flexibilidade e capacidade para adaptar planos são grandes virtudes almejadas numa negociação. Ter/oferecer uma alternativa viável traz mais possibilidades de convivência;
11. Devemos “inventar” uma fórmula de convivência em que todas as partes possam se beneficiar. O que é vencer?¹⁵

QUESTÕES PARA REFLEXÃO:

1. COMO A MISSÃO PODE SER UM INSTRUMENTO PARA A TRANSFORMAÇÃO DE REALIDADES, CRIANDO NOVAS ALTERNATIVAS CRIATIVAS (BUSCANDO PONTOS DE CONTATO) E QUE RECONHEÇAM A DIVERSIDADE?

2. ONDE O CRISTIANISMO PODE DAR SUA CONTRIBUIÇÃO PARA RECUPERAR O EQUILÍBRIO E ALTERAR ESTA INVERSÃO (sociedade silenciadora X sociedade silenciada)?

3. COMO ATUAR NUMA NOVA LÓGICA QUE VENHA CONTRAPOR A RAZÃO INDOLENTE: por que vou me envolver no projeto de Deus (*Missio Dei*) se o futuro é inevitável (o que tem que acontecer vai acontecer ; é inútil tentar fazer alguma coisa; vamos viver o momento!)

COMO ATUAR NUMA NOVA LÓGICA - UMA CULTURA DE FRONTEIRA, QUE RESPEITE O DIFERENTE, VALORIZE A TRADIÇÃO E NÃO TENHA MÊDO DO NOVO?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOSCH, David J. **Missão Transformadora: mudanças de paradigma na teologia da missão**. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2002.

BURNS, Bárbara. **Costumes e Culturas: uma introdução à antropologia missionária**. São Paulo: Edições Vida Nova, 1995.

CERTEAU, Michel. **A Cultura no Plural**. Campinas, SP: Papyrus Editora, 2005.

DUSSEL, Enrique. **1492: o encobrimento do outro**. Petrópolis: Vozes, 1993.

¹⁵ **Revista Veja**, 30 de Agosto de 2006, p. 11 a 15: “*O Inferno Somos Nós*”, entrevista William Ury.

FANON, Frantz. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FORNET-BETANCOURT, Raúl. **Religião e Interculturalidade**. São Leopoldo: Nova Harmonia; Sinodal, 2007.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC – Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., 1989.

HIEBERT, Paul G. **O Evangelho e a Diversidade das Culturas: um guia de antropologia missionária**. São Paulo: Edições Vida Nova, 2001.

LOSS, Myron. **Culture Shock: dealing with stress in cross-cultural living**, third printing, Light and life press.

MARCONI, Marina de Andrade & PRESOTTO, Zélia M.N. **Antropologia: Uma Introdução**. 5ª. Edição. São Paulo: Editora Atlas, 2001.

MIGNOLO, Walter D. **Histórias Locais/ Projetos Globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A Gramática do Tempo: para uma nova cultura política**. São Paulo: Cortez, 2006.(Coleção para um novo senso comum; v.4)

_____. **Renovar a Teoria Crítica e Reinventar a Emancipação Social**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007.

SEMPRINI, Andrea. **Multiculturalismo**. Bauru, SP: Editora da Universidade do Sagrado Coração, 1999.